

A orientação sexual não é definida naturalmente, mas sim influenciada pela sociedade, afirma um dos mais importantes estudiosos do sexo

Gisela Anauate

Ninguém nasce gay ou heterossexual. O desejo sexual, ao contrário do que se imagina, não tem origem nos instintos naturais do ser humano, diz o sociólogo americano John Gagnon. Ele faz estudos sobre sexo há 40 anos. Foi um dos primeiros a contrariar a perspectiva defendida pelo sexólogo Alfred Kinsey, que afirmava ser o sexo um instinto natural. Em contrapartida, Gagnon propôs a idéia de que o comportamento sexual é completamente regido por regras sociais. O livro *Uma Interpretação do Desejo*, lançado na semana passada no Brasil, é o primeiro de John Gagnon publicado em português. Reúne os mais importantes ensaios do pesquisador.

O filósofo francês Michel Foucault credita a Gagnon a base de seus estudos sobre a sexualidade do ponto de vista sociológico. E por que Foucault ficou mais famoso que ele? 'Porque ele é francês, e ainda por cima filósofo, o que é muito chique. Eu sou só um pobre sociólogo americano!', disse Gagnon em entrevista a ÉPOCA.

JOHN GAGNON

■ **Quem ele é**

Sociólogo americano de 74 anos, é casado e tem quatro filhos

■ **O que ele faz**

Professor emérito da Universidade do Estado de Nova York

■ **O que ele estuda**

É um dos pioneiros no estudo sobre sexo. Publicou 12 livros e 100 artigos. Na semana passada, lançou o primeiro no Brasil, *Uma Interpretação do Desejo*



ÉPOCA - Existe um impulso natural nos seres humanos para fazer sexo?

John Gagnon - Não. As pessoas agem impulsivamente, sem pensar no que estão fazendo. Mas não existe um impulso natural para o sexo. Como todo mundo faz sexo, achamos que somos impelidos a isso. Em minha carreira, analisei como os atos sexuais são diferentes em épocas e lugares diversos: do Brasil de hoje à Rússia de cem anos atrás. As atividades sexuais são parecidas, mas as razões ou motivações que levam as pessoas a transar são diferentes.

ÉPOCA - Há um conflito entre nossas necessidades sexuais e a repressão imposta pela cultura?

Gagnon - Não há um conflito entre o que está dentro do indivíduo e o que a cultura diz, mas sim um conflito dentro da cultura. Entre o que as pessoas gostariam de fazer e o que é considerado apropriado. A cultura oferece diversas possibilidades. Você pode querer ter relações homossexuais, fazer sexo só no casamento, transar com uma pessoa bem jovem ou mais velha. Todas as possibilidades estão lá, mas a cultura também nos diz quais são as corretas.

ÉPOCA - A orientação sexual é socialmente determinada?

Gagnon - Sim. Existem evidências de que a homossexualidade é construída socialmente. É uma capacidade aprendida, não algo com que se nasce.

ÉPOCA - Mas essa visão social não alimenta o discurso conservador de que o gay pode virar

hétero?

Gagnon - Sim, desde que os conservadores também admitam que um hétero pode virar gay. A sexualidade é mais flexível do que permitimos.

ÉPOCA - A atração sexual também é socialmente aprendida?

Gagnon - É. Nós costumamos reduzir o que achamos atraente nos outros. Há um rol de coisas que podem causar excitação sexual e a maior parte das pessoas não vê. No começo do século XX, o que homens e mulheres achavam sexy era diferente do padrão de hoje. Tudo depende da cultura, do que a pessoa aprendeu que deve desejar.

ÉPOCA - O que acha da escala Kinsey, que identifica a preferência sexual em seis estágios que variam da homossexualidade total à heterossexualidade total?

Gagnon - É um jeito interessante de pensar a sexualidade, mas deixa de lado todos os fatores sociais. Kinsey queria criar uma variável contínua, mas as pessoas vivem de modo descontínuo. Há uma diferença entre ter uma identidade sexual e uma prática sexual. Um homem que se diz gay não é homossexual apenas porque faz sexo com homens. Ser gay tem a ver com o comportamento com os amigos, a política etc. O gay é uma nova pessoa social. Há homens que só têm relações sexuais com homens, mas não se apresentam como gays porque não pensam como gays.

ÉPOCA - As fantasias sexuais também são desenhadas socialmente?

Gagnon - Sim. Ninguém inventa as próprias fantasias. Elas são partes de uma peça que as pessoas montam em sua cabeça, mas cujo enredo já está escrito. Lembro de uma vez em que andava de carro com minha filha e suas amigas de 12 anos. Elas se esqueceram de que eu estava ali e começaram a falar de suas fantasias sexuais. Uma delas disse: 'Penso em ir à praia num Porsche e caminhar na areia de mãos dadas'. A garota seguinte disse: 'Penso em ir à praia com um jovem bonito, num carro chique...'. Todas as histórias eram iguais! Se eu fosse um pai careta, teria me tranqüilizado naquele momento, pois nenhuma delas falava de sexo. Elas só sabiam o script do romance.



MUDANÇA

Nos anos 30, Judy Garland e Mickey Rooney faziam o par romântico, mas nunca falavam em sexo

ÉPOCA - E por que o romance é tão importante?

Gagnon - As relações românticas datam do início da Idade Média, mas não eram sexuais. Nos anos 30, por exemplo, Judy Garland e Mickey Rooney faziam sucesso nos filmes como par romântico, mas nunca falavam em sexo. Só mais recentemente o sexo com romance se tornou importante.

ÉPOCA - Qual é sua teoria sobre papéis sexuais?

Gagnon - Os papéis são os elementos que você tem de saber para poder se relacionar com o outro. Quando quer fazer sexo, você se pergunta: é a pessoa apropriada?; é homem ou mulher?; é meu chefe?; dá para fazermos sexo na sala de casa?; fechados no escritório? A pessoa é um ser social e sabe quais situações serão aceitas. Tudo é aprendido. Não está incrustado no corpo.

ÉPOCA - Como os papéis são aprendidos?

Gagnon - As pessoas aprendem a ser sexuais da mesma maneira que aprendem a jogar futebol: praticando.

'Ninguém inventa as próprias fantasias. Elas são partes de uma peça que as pessoas montam em sua cabeça - mas cujo enredo já está escrito'

ÉPOCA - No passado, quando sexo era um tabu, como as pessoas aprendiam a exercer seus papéis sexuais?

Gagnon - Todos os filmes tinham cenas de beijo e, às vezes, uma garota ficava grávida. Muitos jovens achavam que beijar engravidava. Mas havia outras fontes de conhecimento. Os encontros duplos no drive-in, por exemplo. O casal sentado no banco da frente olhava o retrovisor para ver o que fazia o casal no banco de trás. Meninos e meninas conversavam entre si e também com amigos do mesmo sexo. Se voltarmos no tempo, quando

não havia cinema, as pessoas aprendiam nos livros, observando animais ou vivendo em casa sem muita privacidade.

ÉPOCA - Várias formas de conduta sexual vêm sendo aceitas. Qual será o futuro se continuarmos a nos abrir para novas possibilidades?

Gagnon - Não vamos fazer nada fisicamente diferente. Todo mundo acha que as pessoas vão fazer mais sexo. Mas o corpo é um recurso limitado e há apenas alguns arranjos possíveis. O interessante não são as atividades físicas, mas a forma como as pessoas encaixam o sexo dentro de sua vida. O futuro não será simplesmente físico, mas cultural.

ÉPOCA - Como isso vai acontecer?

Gagnon - A próxima geração será mais racional em relação à vida sexual. Vai pensar por que o sexo é importante: se é uma fonte de prazer, o que significa estar com esta ou aquela pessoa. Ao mesmo tempo, os jovens vão perceber que sexo não é o que há de mais relevante na vida. Temos de pensar em como viver longos relacionamentos com ou sem sexo. No futuro, ficaremos melhores nisso.

ÉPOCA - E o sexo na internet?

Gagnon - A tecnologia pode tanto melhorar como piorar nossa vida sexual. Muitas vezes, quem toma Viagra não pensa se a ereção prolongada agradará ao parceiro, o usuário final. Os brinquedos sexuais e até o sexo pela internet também podem ter bons e maus usos. O problema é que não sabemos como dosá-los.

Fotos: Marcos Serra Lima/ÉPOCA, Album-Online/Stock Photos

Fechar